As Lições Aprendidas pelos Italianos

Riccardo Cappelli

OS CONFLITOS ocorridos durante a primavera de 2004 submeteram 3.000 oficiais e soldados italianos a duras provas, na Província de Dhi Qhar no sul do Iraque, durante a Operação *Antica Babilonia*. As mais importantes batalhas ocorreram em Nasiriyah nas proximidades de três pontes sobre o Rio Eufrates. O inimigo era constituído por mais de 600 irregulares xiitas, que na sua maioria eram membros paramilitares do Exército Mahdi, chefiado pelo clérigo agitador Muqtada al-Sadr e chamados de "sadristas".[1]

O Exército Mahdi (sadristas) estava equipado com fuzis *AK-47*, fuzis de precisão *Dragunov*, morteiros de 60mm, metralhadoras, lança-rojões e um vasto estoque de munições. De acordo com fontes dos EUA, Al-Sadr poderia contar com aproximadamente 10.000 combatentes com um núcleo ferrenho de 3.000 milicianos.[2]

Entre 800 e 1.200 sadristas obtiveram adestramento militar em três acampamentos no sul do Irã. Membros dos serviços secretos iranianos infiltraram-se no Iraque criando 18 "fundações de caridade", oficialmente para obras de beneficência, mas na realidade, centros ativos de recrutamento.[3] Ainda que o Irã inicialmente tivesse favorecido a intervenção militar anglo-americana no Iraque (não devemos esquecer o caso de Amhad Chalabi), no entanto preparou uma estratégia para criar um Iraque pós-Sadam favorável ao seus interesses nacionais.

A Primeira Batalha de Nasiriyah

Um clima de tensão precedeu a primeira batalha de Nasiriyah que limitou as operações normais das unidades italianas. Em 5 de abril de 2004, os sadristas (comandados pelo jovem xeique Aws al-Khafaji) se apoderaram das pontes desprotegidas com um ataque de surpresa e sem resistência, se entrincheirando, construindo barricadas improvisadas e estabelecendo diversas posições de tiros dentro de edifícios e sobre os telhados.

Com a expansão da revolta, o comando britânico deu ordens para liberar as pontes e restaurar a liberdade de movimento para entrar e sair da cidade. O Governo italiano logo após deu "luz verde" para a Operação *Porta Pia* para ajudar a liberar as pontes. A operação incluiu três companhias do 11° Regimento *Bersaglieri,* uma companhia de fuzileiros navais do Regimento *San Marco*, um esquadrão de cavalaria do Regimento Sabóia, elementos do Grupo de Intervenção Especial dos *Carabinieri* e pára-quedistas do Regimento *Toscana*. O total da força militar era de aproximadamente 600 soldados.

Uma coluna mecanizada de 60 veículos de diversos tipos e 8 viaturas blindadas de reconhecimento *centaruo* (o blindado mais pesado do contingente) começou a se deslocar às 03:00 horas e chegou à zona sul de Nasiriyah às 06:00 horas. Quando a coluna aproximou-se do Rio Eufrates, os sadristas desencadearam uma intensa barragem de fogo de armas leves e de lança-rojões. Durante a batalha foram disparados pelo menos 400 rojões. O exército irregular também lançou diversas granadas de morteiro, partindo da margem norte do rio. Os italianos responderam disparando todas suas armas, incluindo os canhões 105mm dos *centauros*, destruindo um edifício utilizado pelos franco-atiradores iraquianos.

Depois de enfrentarem um grupo de 40 insurretos, os 90 fuzileiros navais do Regimento *San Marco*,

organizados em dois pelotões, sendo um mecanizado e o outro motorizado, retomaram a primeira ponte, a do leste e se estabeleceram na margem oposta do Eufrates. Com as suas forças sob fogo constante, o comandante dos fuzileiros navais do Regimento *San Marco* pediu e obteve reforços — seis franco-atiradores transportados por um veículo não blindado *VM-90P*. Dois rojões atingiram essa viatura quando cruzava a ponte ferindo três soldados.

A luta pela segunda ponte foi mais difícil. Um pelotão *Bersaglieri* em avanço, que estava sofrendo forte resistência dos taticamente bem-colocados sadristas, precisava de reforços para manter a sua posição no lado norte da ponte. Durante este choque, os lança-rojões do Exército Mahdi (sadristas) atingiram dois *VCC* (uma versão italiana da viatura de combate blindado sobre lagartas *M-113*), mas pelo menos um rojão não explodiu.

As deficiências na preparação e manutenção foram provavelmente as principais razões para a relativa ineficiência dos lança-rojões do Exército Mahdi. Freqüentemente, os sadristas dispararam seus lança-rojões a pouca distância, não deixando tempo suficiente para que os rojões fossem armados devidamente. Se todos os rojões lançados tivessem detonado, as perdas italianas teriam sido bastante sérias.

Enquanto as forças italianas progrediam para a terceira e última ponte, o inimigo recebia constantemente reforços e munições e até utilizava ambulâncias municipais para transporte. Enquanto a luta aumentava de intensidade, os italianos utilizavam a arma anticarro *Panzerfaust* (com 15 foguetes) e o Sistema de Mísseis Dirigido Anticarro (com quatro mísseis) para neutralizar as posições particularmente fortes do Exército Mahdi próximas à terceira ponte.

Como a estrutura da ponte era arqueada, alguns fuzileiros navais italianos subiram ao topo do parapeito e olharam com binóculos para ver o que estava acontecendo no outro lado do rio, onde os milicianos insurretos se misturaram com as mulheres e crianças de Nasiriyah. Como não dispunham de quaisquer armas não-letais, as forças italianas não tinham como separar os rebeldes sadristas das mulheres e crianças. Para evitar massacrar os não combatentes inocentes, os italianos não atacaram.

Os italianos não dispunham de aviões de reconhecimento nem veículos aéreos não tripulados (VANT) e os seus helicópteros *AB-412* e *HH-3F* eram vulneráveis quando sobrevoavam as áreas urbanas controladas pela infantaria inimiga. Portanto, os fuzileiros navais do Regimento *San Marco* ficaram expostos ao fogo letal quando tentaram obter o conhecimento da situação. A falta de apoio aéreo foi muito prejudicial, pois os aviões poderiam ter atacado, por cima, as posições fortificadas do inimigo nos telhados e destruído morteiros e camionetes dos insurretos, levando os líderes sadristas a se preocuparem com mais coisas.

A batalha durou até o meio-dia quando, os beligerantes declararam uma trégua para negociações. Às 15:00 horas, as forças oponentes concordaram que o lado sul da ponte continuaria nas mãos italianas e que os policiais iraquianos patrulhariam o lado norte. Foram necessários fogos de dissuasão, durante mais uma hora, para o desengajamento das tropas italianas. Ao final do dia, os soldados italianos tinham gasto quase 30.000 projéteis, sendo necessário reabastecer as tropas cinco vezes durante o dia. As baixas oficiais foram 15 italianos e 15 sadristas mortos em ação, mas as perdas iraquianas poderiam ter chegado a 150 ou 200.

Reduzir a potência de fogo não ajuda o processo de paz: o problema é como a força é utilizada, não apenas a sua posse. Trazer armas pesadas para um país estrangeiro não significa necessariamente uma escalada militar, embora esse seja um ponto de vista muito aceito na Itália. As forças italianas poderiam colocar armas pesadas em hangares e depósitos e mantê-las bem lubrificadas e prontas para serem usadas.

A Segunda Batalha de Nasiriyah

Em maio, cerca de 300 irregulares do Exército Mahdi lançaram uma nova ofensiva e, dessa vez, estavam mais bem armados, dispondo de mísseis portáteis terra-ar *SA-7* e, talvez, morteiros mais poderosos. A organização do Exército Mahdi e a sua preparação militar pareciam haver melhorado, pois eles operaram em diversos grupos de assalto com 20 a 30 milicianos, cada um chefiado por dois comandantes bem treinados (denominados "os escolhidos"), com as comunicações asseguradas por um sistema de mensageiros e sinais luminosos. A precisão dos fogos de morteiro do Exército Mahdi também melhorou, provavelmente porque ele agora utilizava informantes e observadores. Não obstante, o desempenho militar global dos rebeldes sadristas foi muito deficiente e, nem de longe, pode ser comparado ao desempenho das calejadas organizações guerrilheiras, tais como os separatistas da Chechênia ou os Tigres do Tamil no Sri Lanka.

Além das pontes, os principais objetivos dos sadristas eram o edifício da Autoridade Provisória da Coalizão protegido por sacos de areia e, a base de Libeccio (antigo museu, agora uma delegacia policial, em uma estrada de importância estratégica). O Exército Mahdi,

que iniciou o seu ataque após as orações de sexta-feira, logo obteve vantagem contra uma resistência simbólica da polícia local e rapidamente ocupou as pontes e principais interseções.

Ao início da tarde, 40 insurretos atacaram a base de Libeccio, porém dois pelotões de *carabinieri* italianos e um contingente romeno chegaram para os desalojar. Os sadristas atacaram o Edifício da Autoridade Provisória da Coalizão, defendido por um pelotão de fuzileiros navais italianos com poucas viaturas de combate VM-90P e *VCC*; 32 guardas de segurança privada filipinos armados com fuzis automáticos *AKM* e seis guardas de segurança privada americanos. Aproximadamente 150 xiitas do Exército Mahdi sitiaram o Edifício da Autoridade Provisória da Coalizão com fuzis, morteiros e foguetes, porém não se mostravam particularmente interessados em "derrubar a porta a pontapés". Em vez disso, preferiram imobilizar um núcleo de italianos (que haviam caído em uma armadilha ao realizarem uma surtida) e atrair seus reforços para atravessarem as estreitas ruas da cidade transformadas em perigosos túneis de aço e fogo. As colunas de reforços italianos, lideradas pelos *centaruo*s, tornaram-se alvos para os agressivos sadristas.[4]

As forças armadas italianas deveriam lançar uma campanha de divulgação de suas potencialidades e limitações para familiarizar os políticos italianos com o tema. Algumas das autoridades italianas não têm conhecimentos suficientes sobre assuntos militares. Isto se torna inaceitável quando o combate acontece.

O valor simbólico do Edifício da Autoridade Provisória da Coalizão era maior para os italianos do que para os milicianos, que preferiam tentar matar e ferir tantos soldados italianos quanto possível, em vez de arriscar pesadas baixas para simplesmente "acenar a bandeira da conquista". A governadora italiana, Bárbara Contini, que no início das hostilidades se encontrava nos arredores de Nasiriyah, decidiu regressar para o prédio sitiado da Autoridade Provisória da Coalizão e imediatamente se tornou um alvo novo para os guerrilheiros e uma preocupação nova para os defensores.

Na noite de 15 de maio de 2004, seis viaturas de combate *VCC-1* deixaram a principal base militar italiana (denominada *White Horse*) para reforçar as defesas do Edifício da Autoridade Provisória da Coalizão. Os sadristas emboscaram a formação mecanizada diversas vezes e, um rojão que não detonou atingiu uma viatura blindada de transporte de pessoal. No entanto, as forças italianas chegaram para reforçar o edifício e evacuar os jornalistas e a maioria dos funcionários civis que estavam presos lá dentro.

Na manhã de 16 de maio, 50 soldados de infantaria e de cavalaria do Regimento Lagunari e do Esquadrão *Sabóia* lançaram um assalto contra as posições inimigas reforçadas com morteiros. As forças italianas avançaram pelas ruas estreitas de Nasiriyah com oito viaturas blindadas de transporte de pessoal, quatro *centaruo*s, e um carro de combate antibarricada (um carro de combate leopard sem canhão, porém equipado com uma cunha de aço). O veículo sobre rodas *centaruo* encontrou diversas dificuldades para se locomover pelas barricadas improvisadas e outros obstáculos.

Os italianos dispararam cinco ou seis mísseis *milan* para neutralizar quatro posições sadristas, porém foram detidos pelos fogos inimigos. Duas das rodas de um *centaruo* foram rompidas e oito rojões sadristas (que felizmente estavam carregados com explosivos antipessoal em vez de explosivos anticarro) atingiram duas viaturas blindadas de transporte de pessoal *VCC*. Após uma feroz escaramuça de 6 horas, a coluna blindada italiana se retirou. Se ela estivesse devidamente equipada com carros de combate e helicópteros armados, poderia ter cumprido a sua missão.

Nesse ínterim, o Exército Mahdi intensificou a pressão sobre a base de Libeccio, defendida por um pelotão do Regimento *Lagunari* que substituíra uma unidade romena. Uma granada de morteiro de 60mm matou um soldado italiano e feriu dois outros. Sob fogo constante de 100 milicianos, os pára-quedistas *carabinieri* e os gendarmes portugueses chegaram à base de Libeccio em uma coluna de 16 veículos militares e 2 *centaruos* para facilitar a evacuação.

Ao anoitecer, as unidades italianas iniciaram uma série de operações com a finalidade de eliminar a ameaça de morteiros de uma vez por todas. Um avião de combate americano *AC-130* bombardeou uma posição de morteiro, duas camionetes transportando morteiros e um ônibus lotado com insurretos, enquanto os pára-quedistas italianos efetuaram operações de limpeza em grande estilo.

Tarde da noite, o General Gian Marco Chiarini, comandante da força-tarefa combinada italiana no Iraque, chegou a um acordo com os sadristas para um cessar-fogo, porém uma facção armada de dissidentes xiitas violou o acordo e se tornou o alvo dos combates finais da noite.[5] Na manhã de 17 de maio, o Exército Italiano restaurou a calma em Nasiriyah. As baixas italianas foram leves (um morto e 15 feridos); o número total de mortos e feridos sadristas era desconhecido.

Permitir que a milícia sadrista se retirasse em segurança de Nasiriyah não reduziu significativamente a

Departamento de Defesa

Carabineiros italianos proporcionam segurança enquanto o embaixador L. Paul Bremer se reúne com vários políticos e representantes em Nasiriyah (2005).

ameaça contra as tropas italianas. Nas operações contraguerrilhas, as principais dificuldades são identificar, com exatidão, quem é o inimigo e, quais são os erros cometidos no campo de batalha que aumentam o apoio dado aos rebeldes. Porém, quando os guerrilheiros tentaram ocupar o território, o Exército Italiano teve que se mostrar à altura da situação e neutralizá-los definitivamente. Para alcançar esse objetivo, o contingente italiano tinha que dispor de suficientes recursos militares para isolar o campo de batalha, prevenir o inimigo de se reabastecer, limitar sua capacidade de se exfiltrar e manobrar e, forçá-lo a esgotar seus recursos por meio de ações de isolamento e ataque.

Embora as unidades italianas tivessem enfrentado muitas dificuldades nas batalhas de Nasiriyah, não se deve esquecer que os americanos, que são algumas vezes muito propensos a criticar seus aliados, também encontraram grandes dificuldades durante as operações contra-insurreições em áreas urbanas e tiveram que aceitar cessar-fogos informais e questionáveis em Najaf, Kufa, e Falluja.[6] Os sadristas frequentemente utilizaram tais intervalos para se reabastecer e desengajar, recrutar novos voluntários e atacar em outro lugar. Assim, não causa surpresa ler que "as unidades dos EUA, acostumadas aos ataques e retraimentos desorganizados dos insurretos em Bagdá e outros lugares, ficaram bem impressionadas com os combatentes vestidos de preto do Exército Mahdi se locomovendo em unidades coordenadas e disparando fuzis com a cobertura dos lança-rojões, a arma que tem causado maior dano às forças dos EUA no Iraque."[7]

Lições Aprendidas

As diversas lições aprendidas surgem de uma primeira análise dos eventos violentos em Nasiriyah.[8] A Itália deve utilizar mais recursos para preparar e equipar adequadamente seus soldados para combater em áreas urbanas e adquirir VANT táticos e mais dispositivos de observação para ajudar a identificar o inimigo. As forças italianas também precisam de mais armamentos pesados (carros de combate, helicópteros de combate e artilharia autopropulsada) no início das operações militares.[9]

Reduzir a potência de fogo não ajuda o processo de paz: o problema é *como* a força é utilizada, não apenas a sua posse. Trazer armas pesadas para um país estrangeiro não significa necessariamente uma escalada militar, embora esse seja um ponto de vista muito aceito na Itália. As forças italianas poderiam colocar armas pesadas em hangares e depósitos e mantê-las bem lubrificadas e prontas para serem usadas.

Os exércitos ocidentais, inclusive o Exército dos EUA, negligenciaram aquelas lições que Israel aprendeu durante a Guerra do Líbano em 1982. A infantaria israelense preferiu progredir a pé, evitando atravessar os campos de batalha nas viaturas de combate *M-113* que eram alvos fáceis para os lança-rojões palestinos. Israel modificou substancialmente alguns de seus

carros de combate para que pudessem sobreviver às modernas ameaças anticarro, desenvolveu as viaturas blindadas *achzarit* e *nakpadon* e introduziu uma versão do *merkava* para conflitos de baixa intensidade, especialmente adaptado para combates urbanos.

A Itália deveria desenvolver ou adquirir aviões contraguerrilha de baixo preço, resistentes, subsônicos, capazes de localizar precisamente alvos terrestres, armados com metralhadoras, foguetes ou novas bombas de precisão (tais como a bomba de fabricação americana de diâmetro de fragmentação pequeno) a fim de limitar danos colaterais em um cenário urbano. Tais aviões de pouca velocidade e curto raio de giro (para facilitar o engajamento visual de alvos) poderiam sobrevoar por muito tempo o campo de batalha e realizar missões letais "de emboscada aérea".

As forças armadas italianas também deveriam revisar sua doutrina de operações psicológicas, humanitárias e civil-militares. Tais operações, sem dúvida, são importantes, porém insuficientes para estabilizar um país turbulento. Pensar que podemos vencer as guerras ao saturar as zonas insurretas com folhetos e barras de chocolate é irrealista e pernicioso.

Também é necessário revisar as atuais normas gerais de ação (NGA) para reagir a emboscadas. Algumas vezes, grupos de 10 a 15 insurretos do Exército Mahdi, armados com fuzis de assalto *Kalashnikov* e lança-rojões, emboscaram patrulhas italianas transportadas em veículos sem blindagem. Os italianos abriram fogo com todas as suas armas e saíram da zona de matar com extrema rapidez, porém, infelizmente, essas medidas facilitaram o retraimento, sem baixas, do inimigo.

Aumentar a potência de fogo das patrulhas móveis italianas, acrescentando regularmente veículos potentes, tais como as viaturas blindadas de transporte de pessoal *centaruo* e *dardo* também é uma boa idéia. A disponibilidade de equipamento de visão noturna permitiria uma variação italiana dos legendários esquadrões noturnos especiais britânicos, criados pelo General Orde Wingate, na Palestina, na década de trinta, para derrotar as forças irregulares árabes.

As forças armadas italianas deveriam lançar uma campanha de divulgação de suas potencialidades e limitações para familiarizar os políticos italianos com o tema. Algumas das autoridades italianas não têm conhecimentos suficientes sobre assuntos militares. Isto se torna inaceitável quando o combate acontece. ***MR***

Referências

1. O *mahdi* é o 12° imame (líder da fé muçulmana), que segundo dizem se escondeu no século IX e que os xiitas acreditam ainda estar vivo e que regressará no Dia do Julgamento.

2. Para uma visão geral da sublevação sadrista, veja Jeffrey White e Ryan Philips, *Sadrist revolt provides lessons for counterinsurgency in Iraq, Jane's Intelligence Review* (agosto de 2004): pp. 22-28.

3. Michael A. Leeden, *The Iranian Hand*, *Wall Street Journal*, 16 de abril de 2004.

4. Para prevenir a eficácia de táticas similares no futuro, a Itália deveria utilizar veículos aéreos não tripulados (VANT) com capacidade de precisão e reabastecimento de combustível semelhante à dos VANT que atualmente estão sendo desenvolvidos nos Estados Unidos. John V. McCoy, "Unmanned Aerial Logistics Vehicles: A Concept Worth Pursuing," UAVS*Army Logistician* (Março-Abril 2004): pp. 40-44.

5. Maurizio Piccirilli, *C'è anche una faida tra le fazioni sciite*, *Il Tempo*, 19 de maio de 2004.

6. Veja *U.S.: Some Coalition Partners' Priority Is Not Getting Killed*, *The World Tribune*, 21 de maio de 2004.

7. Karl Vick, Grim Showdown with al-Sadr in Valley of Peace, *Washington Post*, 11 de agosto de 2004.

8. Para mais informações sobre a primeira batalha de Nasiriyah, veja *Le milizie sciite dichiarano guerra all'Italia*, *il Riformista*, 7 de abril de 2004; *Chi dà i lanciarazzi e i satellitari ad Al Sad*, *il Riformista*, 20 de abril de 2004; Daniele Mastrogiacomo, *Nassiriya: Abbiamo usato i cannoni*, *La Repubblica*, 8 de abril de 2004; *Ci sparavano addosso dalle case, un tiro al bersaglio*, *la Padania*, 8 de abril de 2004; Mario Nese, *Ci colpivano con i razzi. Abbiamo sparato 30 mila colpi*, *Corriere della Sera*, 8 de abril de 2004; Francesco Grignetti, *Sparavano come pazzi, è stato peggio che in Somalia* , *La Stampa*, 8 de abril de 2004; Fausto Biloslavo, *Quel marò strappato ai nemici come nei film*, *il Giornale*, 13 de abril de 2004; *Comunicazioni del Ministro della Difesa, On.le Prof. Antonio Martino, alle Commissioni Difesa di Senato e Camera sui più recenti eventi della Missione Militare Nazionale in Iraq*. Roma, Senado, 7 de abril de 2004; Fausto Biloslavo, *Ecco la vera storia della battaglia di Nasiriyah*, *il Giornale*, 15 de abril de 2004; Lorenzo Cremonesi, *Barbara Contini, governatrice di Dhi Qar, nel fortino: Possiamo trattare*, *Corriere della Sera*, 17 de maio de 2004. Para informações sobre a segunda batalha de Nasiriyah, ver Mario Nese, *el fortino di Nassiriya abbiamo saputo reagire*, *Corriere della Sera*, 31 de maio de 2004; Andrea Nicastro, *A Nassiriya assediati dagli sciiti*, *Corriere della Sera*, 16 de maio de 2004; Meo Ponte, *La salvezza è a 13 chilometri*, *La Repubblica*, 16 de maio de 2004; Gian Micalessin, *Usati anche missili per snidare i ribelli*, *Il Giornale*, 19 de maio de 2004; Comunicazione del Ministro della Difesa, On. Prof. Antonio Martino, sull'evoluzione situazione in Iraq, Roma, Senado, 18 de maio de 2004; Meo Ponte, Gli italiani riprendono Nasiriyah, *la Repubblica*, 18 de maio de 2004; Luca Poggiali, Nuovi scontri a Nasiriyah, *Raids* (junho de 2004), pp. 17-29.

9. Durante o verão, após um pedido do comandante italiano local, foram enviados ao Iraque alguns carros de combate *Ariete*, viaturas blindadas de transporte de pessoal *Dardo* e viaturas de desembarque de assalto anfíbio *AAV-7A1-RAM/R*. Durante as operações navais o *AAV-7* transporta tropas através de águas agitadas e zonas de arrebentação para os objetivos em terra firme. Esse veículo pode atravessar facilmente o Rio Eufrates para ajudar a enfrentar futuras tentativas dos insurretos de bloquear as pontes de Nasiriyah.

Riccardo Cappelli é membro do Forum sobre Questões de Paz e de Guerra e integra o corpo docente de Ciências Políticas do Centro de Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade de Florença. Recebeu seu grau de bacharel pela Universidade de Florença.